Ano III — Guimarães, 29 de Agôsto de 1918 — Número 147

VIMARANENSE

Semanário político, literário e noticioso, órgão do Partido Evolucionista

Director, proprietário e editor — *Custódio dos Santos Lima Guimarães*

PREÇO DA ASSINATURA

Ano, sem estampilha	1$20
Semestre, idem	$60
Ano, com estampilha	1$50
Semestre, idem	$75
Africa e Brasil, por ano (moeda forte)	2$25
Número avulso	$04

Redacção, Administração, composição e impressão
Rua Elias Garcia, 86 (antiga rua de Santa Maria)

PUBLICA-SE AS QUINTAS-FEIRAS

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Anuncios e comunicados, por linha	$06
Repetição dos mesmos	$02

Anuncios permanentes, contracto especial.
As obras literarias anunciam-se gratis, recebendo-se na redacção um exemplar.
Os autógrafos, sejam ou não publicados, não se restituem.

O problema das subsistências

Diz-se que vamos entrar no regime das restrições alimentares. E' certo que muitos países se tem visto forçados a adoptar êsse sistema, mas não é menos verdade que nós não teriamos necessidade de recorrer a êsse meio extremo, se não fosse a criminosa incúria e a inclassificavel incompetência da *fedelhocracia*, que nos governa desde o advento do dezembrismo.

O depoimento insuspeito proferido na sala dos deputados por um dos homens, que tem apoiado a actual situação política, é sobremaneira edificante e elucidativo. Dêle claramente se conclue que o dezembrismo está enfeudado aos argentários e aos grandes e poderosos açambarcadores com os quais não tem fôrça nem coragem para romper.

Divorciado da verdadeira opinião pública, o govêrno caminha de transigência em transigência, desce de capitulação em capitulação perante todos aqueles de quem julga poder esperar qualquer apoio para ir mantendo a sua existencia parasitária num meio cuja esmagadora maioria lhe é francamente hostil.

De vez em quando finge uns assomos de energia para captar simpatias, mas a breve trecho deixa compreender qee essa energia é ficticia e mesmo no pouco que vale, injusta e desorientada.

E' bem recente o espectaculoso caso dos varejos realizados sôbre os retalhistas, os quais, se também teem as suas culpas, não são certamente os principais responsáveis pela criminosa espèculação de que todos temos sido vítimas. O juvenil ardor com que êsse «ataque» foi levado a efeito esmoreceu perante as «reservas» do inimigo, e o Napoleão das subsistencias foi vencido em Waterloo antes de ser vencedor em Austerlitz.

Mas não só isso.

Dos varejos, tais como se realizaram, resultaram efeitos contraproducentes, chegando até a dar-se o caso de muitos géneros apreendidos se terem inutilizado pela demora que houve em lhes dar destino.

O sistêma das requisições, que só póde e deve adoptar-se subordinado a um judicioso critério, tem sido posto em prática á vara larga, donde resulta um natural e justificado retraimento cujas consequencias funestas havemos de sentir muito duramente.

Não nos cansaremos de repetir que toda a obra dezembrista é caracterizada pelo mais grosseiro empirismo, consequencia fatal da inépcia de quem dirige sem saber o que faz. De facto, é em extremo fácil praticar actos de fôrça contra a propriedade do cidadão, mas já não é tão simples fazê-lo em proveito da comunidade e principalmente sem entibiar a acção futura dos directamente atingidos pela violenta medida que, para ser justa e profícua, tem de ser criteriosamente determinada e inteligentemente conduzida.

O que neste assunto se tem praticado revela uma desorientação que faria o pasmo dos mais modestos homens de Estado de qualquer país semi-bárbaro. Vive-se de expedientes tão mal engendrados, tão destrambelhados e desconexos que custa a compreender uma tão completa ignorância dos assuntos da administração pública em homens que temos o direito de supôr, pelo menos, medìocremente inteligentes e medianamente ilustrados. Mas a realidade dos factos impõi-se de tal modo que não há remédio senão rendermo-nos á evidência: vivemos em pura administração cafreal.

O que se tem passado com o aproveitamento dos transportes marítimos, principal factor para o atenuamento da crise económica e alimentar, é simplesmente espantoso. Os navios, que não deviam perder uma hora na sua marcha nem desaproveitar uma tonelada de carga, jazem durante semanas ancorados nos portos á espera que a incúria, o desleixo, o relaxamento oficial se resolvam, entre um bocejo e um espreguiçamento, a aproveitar-lhes a sua preciosa utilidade.

Nos portos das colónias apodrecem o milho e as sementes oleaginosas, enquanto o povo passa fome por falta do primeiro e o sindicato dos sabões alcança a alta da sua mercadoria com a demora na chegada das segundas.

Deixa de se exportar o vinho, drenando oiro para dentro do país, e deixa de se aproveitar o regresso dêsses barcos para nos trazerem matérias primas para as indústrias. Tudo parado, tudo á espera das «sábias» resoluções dos *enormes* estadistas que nos governam e ao sabôr das conveniências dos sindicateiros do Conselho Económico.

Diz-se á boca cheia que há emprezas de pesca que mandam arremessar ao mar grandes quantidades de peixe para manter a alta dos preços, e o govêrno não tem espaço nas prisões para alojar os autores dessa infâmia, porque êsse espaço está ocupado pelos «criminosos» republicanos.

Todos sabem que muitas padarias da capital misturam farinha destinada ao pão de segunda qualidade no pão de primeira, e a legião inumerável dos fiscais das subsistências não vê nada disto.

Em muitos talhos a carne vende-se por preços de tantasia, ás escâncaras, e só não observa o caso quem tinha obrigação de o impedir.

O contrabando de gado para Espanha é constante, mas o govêrno longe de punir os guardas fiscais, que porventura são cúmplices nessa prevaricação, passa o tempo a averiguar das ideias políticas de outros guardas incapazes certamente da prática dêsse acto delituoso.

Em Lisboa não há azeite e já se vendem óleos impróprios para o consumo alimentar, e o govêrno não é, ao menos, capaz de descobrir quem comprou o azeite da lavra do secretário de Estado da Agricultura, do que talvez o pudesse informar o já célebre, mas nunca assaz celebrado, Conselho Económico.

Estamos a dois meses da colheita de batatas e não há batatas em Lisboa, porque o desleixo que se nota nos transportes marítimos é anarquia, no serviço de transportes terrestres, onde as companhias fazem o que lhes apraz.

Tendo sido mau o ano agrícola, o mais elementar bom senso indicava que se tratasse de adquirir com tempo, no estranjeiro, o bastante para cobrir o *deficit* da produção nacional; mas o govêrno, atarefado com a organização das pavorosas, não póde preocupar-se com tais ninharias.

Dentro de poucos meses não haverá nem cereais, nem legumes.

Não há racionamento que possa compensar a grande escassez dêsses géneros que já agora se desenha nitidamente, e, como não se pensa em os importar, o inverno futuro certamente nos reserva dias ainda bem mais angustiosos que os de agora.

Para remediar tanto desleixo, tanta incompetência, tanta imprevidência, tanta inépcia, recorre-se á restrição alimentar, ao racionamento, sistêma doloroso que no nosso país bem poderia evitar-se, se não estivessemos dominados por uma ridícula e nefasta *fedelhocracia*.

1.º sargento reformado,

de 35 anos, com exemplar comportamento, solteiro e de boa familia, oferece-se para auxiliar de escritório ou para qualquer outro logar compativel com a sua graduação, mediante uma remuneração pequena.

Nesta redacção se informa.

Não se percebe

Anunciou um jornal monárquico de Lisboa que tinha sido nomeado administrador do concelho de *Vizeu* o sr. Luís Ferreira, da mesma cidade.

Êste cavalheiro desmentiu a noticia, acrescentando pressuroso *que é monárquico intransigente e disciplinado.*

Mas, ponderaremos, o sr. Solano de Almeida não era também monárquico igualmente intransigente e igualmente disciplinado? E não foi êle, até há poucos dias, o Governador Civil de Coimbra?

Se monárquicos intransigentes (o sr. Aires de Ornelas, por exemplo) podêm votar no Presidente da República, sancionando assim pelo voto o regimen político, que dizem combater, como é que não podem exercer cargo de confiança política, ser governadores civis ou administradores do concelho?

Nada de escrupulos. Aceitem tudo que levianamente lhes derem. Encastelem-se nos redutos, donde, mais tarde ou desde já, possam espingardear o regimen, que odeiam e se não precata.

Está-nos parecendo muito ingénuo êste monárquico sr. Luís Ferreira, de Vizeu.

Cónego José Maria Gomes

Embora a doença, que vem atormentando o sábio professor, seja ainda de molde a inquietar os seus numerosissimos amigos e admiradores, o certo é que s. ex.ª tem obtido sensiveis melhoras.

Se há dias encontrámos o nosso ilustre amigo acabrunhado e triste, tivemos ante-ontem ensejo de vêr que s. ex.ª vai de novo imprimindo á sua conversa aquele adorável encanto e fino humorismo que tão proverbiais se tornaram.

Êste sintôma trouxe-nos a convicção de que a gravidade do mal vai desaparecendo.

Não permita Deus que as nossas previsões sejam iludidas.

Beleza de serviço

Telegramas... em carroção

Um cavalheiro enviou de Lisboa, no dia 19 do corrente, para a Póvoa de Varzim um telegrama, que levou no trajecto entre as duas estações *8 horas*, e da última estação até ao domicílio do destinatário outras *8 horas*.

No dia 20, ás 18-56, novo telegrama se expediu de Lisboa para a Póvoa. Foi recebido no dia seguinte, ás 9-45.

Permita Deus que tal beleza de serviço telégrafo-postal não alastre até nós.

Testemunho insuspeito

O sr. Celerico Gil, que foi um intransigente, por vezes, cruel adversário do sr. Afonso Costa, que aclamou o dezembrismo e se prestou a ser seu deputado, acaba de declarar, numa entrevista no jornal «A Manhã», *que êste govêrno tem sido uma calamidade.*

Assim, secamente, sem eufemismos e sem disfarces: *uma calamidade.*

E, para confirmar o seu severo veredictum, acrescentou o sr. Celorico Gil que esta gente (é a desdenhosa expressão de s. ex.ª) tem gasto, num certo lapso de tempo, mais quinze mil contos do que, em período igual, gastou o sr. Afonso Costa, tendo êste, aliás, de fazer avultadas despezas com a nossa intervenção na guerra!!

Mais quinze mil contos, sem se ver obra, beneficios ou interesses correspondentes, *é objecto.*

Lá que paguem o sr. Celorico Gil e outros, já hoje desenganados das maravilhas e virtudes do Dezembrismo, vá, que ninguem os mandou cair no lôgro, *rindo confiadamente á cidade*... do sr. Sidónio Pais.

O pior é que também tenhâmos de pagar nós, os que nem encomendámos nem festejámos o Dezembrismo, nem lhe apregoámos a proveniência celestial.

Um facto assaz significativo

Lêmos no «Primeiro de Janeiro» de domingo, 25 do corrente:

Um amigo nosso mandou ontem, ao fim da tarde, pedir amostras de arroz a uma mercearia, com o respectivo preço.

Resposta:

—Não se dão amostras: se precisa de arroz, compre-o hoje, porque na segunda-feira já custa mais dinheiro!

Leiam bem as autoridades e meditem como tudo conspira e *farronca* contra o pobre consumidor.

Se quer ser esfolado hoje, vamos a isso. Senão, na segunda-feira, já será maior a esfoladela.

Leem todos pela mesma cartilha, êstes maganões!

Dr. Albino Gomes

Encontra-se em Braga, de regresso do *front*, aquele distintissimo capitão-médico, que há bastantes meses partira para França, incorporado no contingente expedicionário de infantaria 8.

S. Ex.ª é esperado no Beringel, de visita a sua ex.ma familia.

Cumprimentamos muito afectuosamente o nosso ilustre amigo.

AUTOMÓVEL

Vende-se um Minerva Landalet em magnifico estado de conservação.

Falar com o solicitador Pimenta.

Que anarquia!

A direcção dos abastecimentos mandou para os jornais a seguinte nota oficiosa:

Regressaram a Lisboa os fiscais que haviam ido em serviço de fiscalização para o distrito de Beja, porque o respectivo governador civil lhes não deu autorização para ali procederem contra as pessoas que haviam deixado de manifestar géneros, declarando-lhes que os mandaria prender no caso de desobedecerem ás suas ordens.

Pelo mesmo motivo, regressaram a Lisboa os oficiais do exército encarregados de proceder ao arrolamento do azeite.

Em resumo: O govêrno mandou a Beja emissários seus em serviço de subsistencias.

Mal lá chegaram, o Governador Civil fez-lhes saber que, se não regressassem imediatamente a Lisboa, os mandaria prender.

Então quem *governa*? E' o *Govêrno* ou é o *Governador Civil*?

Então o capitão manda marchar e o sargento intima a retirar? E, vencendo o sargento, fica tudo na mesma?

Isto vai pior que no Grão-Ducado de Gerolstein. Falta musica de Ofenbach.

Padre Gaspar Roriz

Passa amanhã o aniversario natalicio dêste nosso ilustre amigo, mimoso orador sagrado, talentoso jornalista e autor de trabalhos de inequivoco merecimento na poesia e no teatro, cujos dias vão derivando serenamente no amor dos seus e no usufruto daquela Conezia de Comissário da Veneravel Ordem 3.ª de S. Francisco.

Ao estimado cidadão e respeitável sacerdote apresentamos afectuosas saudações.

AVA

ANTIGA GUARDASOLRIA

CARVALHO

Executam-se todos os concertos

Ao Guardasol Elegante!

154, R. Republica, 160 - Guimarães

Correio das salas

Segue para a Póvoa de Varzim no proximo domingo, tencionando demorar-se naquela praia todo o mês de Setembro, o nosso exceleute amigo sr. Antonio Teixeira Mendes, abastado capitalista. Acompanham no sua ex.ma esposa e estremecidas filhinhas.

*

Está nas termas de Caldelas, a uso de banhos, o rev. padre Anselmo da Conceição e Silva, ilustrado professor do Liceu de Guimarães.

*

Encontra-se de novo enfermo o sr. Domingos Ribeiro Martins da Costa (Aldão). Desejamos o restabelecimento do distinto vimaranense.

*

Vai passar o mês de Setembro na sua propriedade da Palmeira (Braga) o sr. Inácio José de Sá, estimado industrial de marcenaria estabelecido nas ruas do Gravador Molarinho e 5 de Outubro. O nosso amigo far-se-há acompanhar de sua dedicada esposa, a conhecida modista sr.ª D. Balbina de Sá, e de suas interessantes filhas.

EXAME

Fez exame do 2.º grau, ficando aprovado, o menino Manuel L. de Souza, estremecido filho do sr. Januario Lopes de Souza, distinto alferes de infantaria 20, atualmente prisioneiro dos alemães.

Parabens.

Queixas cá e lá!

O nosso colega «*Comércio de Guimarães*» anda queixoso com a censura administrativa, no que provavelmente razão terá.

Nós bem sabemos que «vexa os homens que escrevem honrando o *métier* jornalistico, estarem sob a censura *duns certos*; e irrita que êsses *uns certos* se permitam injustificadas violências, só porque a impunidade lhes está assegurada.

Vamo-nos consolando, porêm, e honrando o *métier* jornalistico!

A nós não coube ainda nenhuma arranhadela da censura. Naturalmente por termos, como o censor, o exame do 2.º grau da Instrução Primária!

Mas tambem andamos queixosos. Não fomos contemplados, *para os nossos pobres*, como, por exemplo, foi o *Ecos*, com 10 senhas daquêles duzentos escudos, que o chefe do Distrito destinou ultimamente á pobreza dêste concelho.

Naturalmente não nos contemplou desta vez o sr. administrador, porque, a propósito duma outra distribuição, escrevemos nêste semanário em 30 de Maio:

Não podemos deixar de dizer que dêste rateio quinhoou o mesmo pobre duas e três vezes! Seria bom, portanto, metodizar tal serviço no sentido de evitar que uns comam tudo e outros, por igual carecidos, fiquem a chuchar no dedo.

Seria também útil, para uma espécie de contrôle *público, que cada um dos distinguidos com senhas tornasse conhecido como fez a distribuição.*

Parece que esta boa doutrina desagradou ao sr. administrador.

E por isso de senhas *nicles*.

ALVIÇARAS

Dão-se a quem entregar na guardasolaria AVA (antiga guardasolaria Carvalho), sita à rua da República, um gatinho de três mezes de idade, maltez, de raça francesa, que dali desapareceu há oito dias.

Providências!

Lêmos que a falta de trocos é enorme porque já se compra a 5$20 cada quilo de dinheiro em cobre. A cada canto surge um açambarcador.

Não haverá meio de os exterminar de vez?

O comércio em geral, mas principalmente o comércio retalhista, tem de ressentir-se desta falta de trocos, que muito dificulta as pequenas transações.

Chamamos a atenção da nossa dignissima Associação Comercial.

O Orfeão de Guimarães em Viana do Castelo

Não vá julgar-se que, por não nos termos referido ainda á excursão recente deste nosso grupo coral á linda princeza do Minho, nós não gostamos da música. Muito pelo contrário, menos quando ela degenera em *celestial*, como tem sido as promessas de melhorar as subsistencias!

Ora pois! Viva o sr. P.e Maia e o seu brioso bando e recebam nossos parabêns por haverem merecido á *Aurora do Lima* este conceito:

O orfeão é realmente bom. Não tem nada que o desmereça. A suavidade das vozes encanta e enternece.

Vê-se que ali estão artistas e que o seu regente, sr. padre Maia, é artista também.

O grupo dos concertistas, muito e muito bem. Impecaveis na execução.

Foi um espectaculo distinto, que deixou as melhores impressões.

Nóbrega Quental

Queremos deixar assinalado nêste modesto semanário o nome dêste republicano destemido, tão moço e tão acossado já pelos ferrabrazes da situação, que parecem *divertir-se* a prendê-lo e passeá-lo de cadeia em cadeia.

Incorreria o denodado paladino da República em tais ódios especiais porque foi secretário particular do sr. dr. António José de Almeida e lhe vota como que filial amor e dedicação?

Do nosso estimavel colega *A República*, de Vila do Conde, gostosamente transcrevemos e perfilhamos o que, ácerca de Nóbrega Quental, ela escreveu:

Foi mais uma vez preso o estudante de direito Nóbrega Quental, nosso correligionario e redactor do nosso colega *República*, de Lisboa.

A policia, de vez em quando, resolve capturá-lo, metê-lo num calabouço infecto e, madrugada alta, enviá-lo, devidamente escoltado, para um forte seguro e distante.

Não sabemos já quantas vezes Nóbrega Quental tem sido preso, mas calculamos que êle deve estranhar quando a liberdade provisória, que de vez em quando magnanimamente lhe outorgam, se prolonga um pouco mais.

E ignoramos igualmente porque é que Nóbrega Quental tem sido preso tantas vezes, visto como a explicar taes prisões não existe contra êle qualquer processo nos tribunais.

A policia lá sabe porque não o larga de sob a sua vigilância esperta e constante, e quando lhe pressente algum olhar, alguma palavra, algum gesto ou mesmo alguma intenção para ela suspeita— adeanta a pata e fila-o.

O leitor não conhece Nóbrega Quental e ha-de supôr, pelo numero de prisões que êle já conta nêste consulado feliz do sr. Sidónio Pais, que se trata duma figura sinistra de revoltado, de face angulosa, olhar torvo, gesto brusco, palavra incendiada, tramando, na sombra, infatigável e diabólico, as negras tramas homicidas.

Não. Nóbrega Quental é um rapaz muito novo, pequeno, franzino, de olhar doce, de palavra serena e afavel, que tem apenas o mau precedente de ser um republicano de principios e ostenta a provocadora ousadia de ter caracter, que é uma coisa que os mariolas não perdoam e lhes parece monstruosa num rapaz de pouco mais de vinte anos.

Pois a policia, o govêrno, ou lá quem é que está á espreita da revolução, por um medo ridiculo ou por um ódio perverso, prende a cada passo êsse rapaz; injuria-o nas prisões, obriga-o a passear, entre escoltas, as ruas de Lisboa, como se em vez do trabalhador honrado que êle é, dando a velhos tratantes impenitentes a lição nobre da sua vida direita e limpa, [illegible] algum dos muitos vádios que [illegible] a moralidade dêste [illegible] regime.

Preso uma, duas, muitas vezes, Nóbrega Quental nunca perde a serenidade e o ânimo. Traçou o seu caminho, deliberou-se a segui-lo, e não o troca por atalhos menos perigosos só porque a policia lhe pode sair, como tem saído, a deter-lhe os passos.

Tem fé e tem caracter. Ha de vencer. Essa guerra, que lhe declararam, é já uma homenagem que o exalta, amesquinhando os que, perseguindo-o, indirectamente lhe prestam.

Esses ferrabrazes da policia, que pretendem vencê-lo á custa de afrontas e sofrimentos, hão-de ter reconhecido já que, pequeno e franzino, êle nem sequer verga nas porcas mãos dos ditos ferrabrazes adestrados na violência.

Pois podia lá ser que um policia ou muitos policias vencessem um Homem!

VENDE-SE

Uma morada de casas de um andar com águas furtadas e quintal, situada em frente do Hospital da Santa Casa da Misericórdia.

Nesta redacção se diz com quem se trata.

"ATLANTICA,,

Companhia de Seguros

SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Capital social....	Esc.	500.000$00
» realizado.	»	50.000$00
Fundo de reserva	»	150.000$00

SÉDE: LOYOS, 92 — PORTO

Receita de 1914....	Esc.	36.988$03.5
» » 1915....	»	71.197$29.3
» » 1916....	»	537.897$91.6
» » 1916....	»	3.139:104$23
Sinistros pagos em 1914	E.	22.601$11
» » » 1915	»	[illegible]
» » » 1916	»	[illegible]
» » » 1917	»	1.427:[illegible]

AGENCIAS EM FRANÇA, INGLATERRA, NORUEGA SUECIA, DINAMARCA, ESPANHA E EGITO

Seguros contra fogo.—Seguros contra fogo e roubo.—Seguros contra grèves e tumultos.— Seguros agricolas. Seguros contra quebra de cristais.— Seguros de guerra. Seguros maritimos e postais.— Seguros contra inundações e enxurradas.

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Manuel Joaquim de Oliveira
Dr. José Maria Soares Vieira
Silvino Pinheiro de Magalhães
Dr. Leopoldo Correia Mourão
Jaime de Sousa
} Directores

Agentes em todas as terras do país

Commissarios de avarias em todos os portos do mundo

DELEGAÇÃO EM GUIMARÃES

Passeio da Independencia, 102 a 105

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Capital: 500:000$00 escudos

Seguros contra acidentes de trabalho
Seguros contra fôgo
Seguros de vida
Seguros de transportes
Seguros contra roubos
Seguros de cristais.

Correspondente na Corredoura (S. Torcato):

João Vasco Cardoso Guimarães.

BANCO DE SEGUROS

Capital: Três mil contos

REPRESENTANTE EM GUIMARÃES

JOSÉ JOAQUIM VIEIRA DE CASTRO

VENDEM-SE ACÇÕES A CINCO ESCUDOS